

# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E NARRATIVAS VISUAIS NA ALFABETIZAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

*STORYTELLING AND VISUAL NARRATIVES IN LITERACY EDUCATION:  
STRATEGIES FOR THE DEVELOPMENT OF READING AND WRITING*

**Aparecida Donizete Silva Santos**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Fernanda Pessoa de Sousa Silva**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Érika Regina Martins**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Aline Cácia de Sousa**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Anita Maria Gonçalves de Melo Oliveira**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Cleidiane Cardoso de Oliveira Brito**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Telma Pereira de Melo**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

**Nilva Alves de Sousa Silva**

Colégio Estadual em Período Integral (CEPI) Raulina da Fonseca Pascoal, Marzagão, GO, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i8.749>

Aceito em: 06.08.2026

**Resumo:** O artigo analisa como a contação de histórias e as narrativas visuais podem atuar como estratégias pedagógicas integradas para fortalecer a alfabetização nos anos iniciais, ampliando a compreensão e a produção textual. Defende-se que ler e escrever não se reduzem à decodificação, pois envolvem construção de sentidos, repertório cultural e participação ativa das crianças. A contação de histórias é apresentada como prática que mobiliza oralidade e escuta, favorecendo atenção, memória, imaginação e organização narrativa, além de fortalecer vínculos e reduzir inseguranças diante de atividades formais. As narrativas visuais, por sua vez, são compreendidas como textos que comunicam ideias e emoções, permitindo que o estudante observe, interprete e formule hipóteses, criando suporte para a escrita e ampliando a autoria. O texto destaca que a mediação docente é decisiva para transformar imagens e histórias em aprendizagem, por meio de propostas como recontos, criação de legendas, organização de sequências, produção de diálogos e escrita colaborativa. Ressalta-se que estratégias integradas tornam o ensino mais

inclusivo ao oferecer diferentes caminhos de acesso ao texto, respeitando ritmos e modos de aprender, sem empobrecer o currículo. Conclui-se que a alfabetização se qualifica quando a escola planeja experiências de linguagem significativas, contínuas e humanizadas, garantindo participação, equidade e desenvolvimento leitor.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Contação de histórias; Narrativas visuais; Leitura de imagens; Produção textual.

**Abstract:** This article analyzes how storytelling and visual narratives can function as integrated pedagogical strategies to strengthen literacy in the early years of schooling, enhancing reading comprehension and text production. It argues that reading and writing should not be reduced to decoding skills, as they involve meaning-making, cultural repertoire, and children's active participation. Storytelling is presented as a practice that mobilizes orality and listening, supporting attention, memory, imagination, and narrative organization, while also strengthening bonds and reducing insecurity in formal learning situations. Visual narratives, in turn, are understood as texts that communicate ideas and emotions, enabling students to observe, interpret, and formulate hypotheses, thus providing support for writing and expanding authorship. The article highlights that teacher mediation is essential to transform images and stories into learning opportunities through activities such as retelling, caption writing, sequencing, dialogue production, and collaborative writing. It emphasizes that integrated strategies promote more inclusive teaching by offering different pathways to access texts, respecting diverse learning rhythms and styles without impoverishing the curriculum. The study concludes that literacy education is improved when schools plan meaningful, continuous, and humanized language experiences, ensuring participation, equity, and the development of young readers.

**Keywords:** Literacy; Storytelling; Visual narratives; Image reading; Text production.

## Introdução

A alfabetização, nos anos iniciais, não pode ser compreendida apenas como domínio técnico do sistema de escrita, pois envolve processos de construção de sentido, ampliação de repertórios culturais e formação de sujeitos leitores. Nesse cenário, práticas como contação de histórias e leitura de imagens ganham destaque por favorecerem experiências de linguagem que articulam emoção, imaginação e compreensão. Ao ouvir narrativas e interpretar elementos visuais, a criança mobiliza atenção, memória e inferência, fortalecendo bases que sustentam a leitura e a escrita. Assim, a escola se torna espaço de mediação simbólica, no qual aprender linguagem também significa aprender a interpretar o mundo.

O presente artigo delimita como foco a análise de estratégias pedagógicas integradas que aproximam oralidade, narrativas visuais e práticas de produção textual no processo de alfabetização. A discussão concentra-se em experiências possíveis no contexto escolar, considerando atividades de escuta, leitura compartilhada, interpretação de imagens e escrita orientada, sem reduzir tais práticas a momentos isolados ou meramente recreativos. O recorte prioriza a dimensão pedagógica da alfabetização, enfatizando a organização didática e o papel

mediador do professor. Dessa forma, busca-se compreender como histórias e recursos visuais podem atuar como instrumentos estruturantes de aprendizagem e não como complementos periféricos.

A questão norteadora que orienta o texto pode ser formulada da seguinte maneira: de que modo a contação de histórias e as narrativas visuais, quando integradas ao planejamento escolar, contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita na alfabetização? Essa problematização parte do reconhecimento de que muitas dificuldades de aprendizagem se intensificam quando o ensino se limita à repetição de exercícios mecânicos, sem oferecer situações significativas de linguagem. Considera-se, portanto, que o desafio não está apenas no estudante, mas na forma como a escola organiza o acesso ao texto, à interpretação e à autoria. Assim, investigar essas estratégias implica refletir sobre práticas que tornam a alfabetização mais consistente e formativa.

A justificativa do estudo se sustenta na necessidade de fortalecer propostas pedagógicas que valorizem a linguagem em suas múltiplas dimensões, especialmente em contextos marcados por desigualdades de acesso a experiências culturais e letradas. A contação de histórias amplia o vocabulário, favorece a escuta ativa e sustenta a compreensão narrativa, enquanto a leitura de imagens desenvolve habilidades interpretativas e organiza sentidos que podem ser convertidos em escrita. Desse modo, discutir tais práticas contribui para uma alfabetização mais humanizada, pois reconhece diferentes ritmos e modos de aprender. Além disso, o tema possui relevância científica e educacional por dialogar com a formação de leitores críticos em um cenário de comunicação cada vez mais multimodal.

O objetivo geral do artigo consiste em discutir como a contação de histórias e as narrativas visuais podem ser utilizadas como estratégias pedagógicas integradas para favorecer o desenvolvimento da leitura e da escrita no processo de alfabetização. Pretende-se evidenciar que tais práticas, quando planejadas e acompanhadas, ampliam a compreensão textual, fortalecem a autoria e sustentam a participação ativa das crianças. O foco recai sobre a mediação docente e sobre a construção de situações didáticas que conectem escuta, interpretação e produção escrita. Assim, o artigo busca contribuir para reflexões sobre alfabetização como experiência de sentido, e não apenas como treinamento de habilidades isoladas.

Como objetivos específicos, busca-se compreender de que forma a oralidade e a escuta, mobilizadas pela contação de histórias, contribuem para a construção de sentidos e para o desenvolvimento linguístico na alfabetização. Também se pretende analisar o papel das narrativas visuais e da leitura de imagens na ampliação da compreensão e no apoio à produção textual. Além disso, objetiva-se discutir estratégias pedagógicas integradas que articulem histórias e recursos visuais no planejamento docente, fortalecendo práticas de leitura e escrita com maior coerência e continuidade. Dessa maneira, os objetivos específicos sustentam um percurso que vai da experiência narrativa à autoria escrita, considerando mediações e possibilidades concretas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e analítico, fundamentada em estudos que discutem alfabetização, oralidade, narrativas e

multimodalidade no contexto escolar. A análise prioriza contribuições teóricas e pedagógicas voltadas ao cotidiano da sala de aula, com atenção à construção de sentido, ao papel da mediação docente e às práticas integradas de leitura e escrita. O estudo não se restringe a descrever recursos, mas busca compreender implicações formativas e limites das estratégias quando aplicadas de modo superficial ou desconectado do planejamento. Assim, a metodologia sustenta uma reflexão crítica sobre como integrar narrativas e imagens de forma pedagógica e intencional.

Quanto à organização, o artigo estrutura-se em três seções que desenvolvem o percurso argumentativo proposto. A primeira seção aborda a contação de histórias na alfabetização, destacando oralidade, escuta e construção de sentidos como fundamentos do aprender. A segunda seção discute narrativas visuais e leitura de imagens, enfatizando a interpretação como caminho para compreensão e produção textual. A terceira seção apresenta estratégias pedagógicas integradas, articulando práticas de leitura e escrita com histórias e recursos visuais, com vistas à autoria e à participação. Ao final, são apresentadas considerações que retomam os principais argumentos e reforçam a relevância do tema para a prática docente.

### **Contação de histórias na alfabetização: oralidade, escuta e construção de sentidos**

A contação de histórias na alfabetização constitui um dispositivo pedagógico capaz de ampliar o repertório linguístico e cultural das crianças, sem reduzir o ensino a exercícios fragmentados de decodificação. Quando o ato de narrar integra a rotina escolar, a sala de aula se transforma em espaço de escuta compartilhada, no qual a linguagem circula com sentido e afeto. A criança, ao acompanhar personagens, conflitos e desfechos, aprende a organizar mentalmente sequências, reconhecer intenções e antecipar acontecimentos. Assim, a alfabetização se fortalece quando a escola compreende que ler e escrever começam antes da letra, na experiência de compreender e produzir significados.

No cotidiano escolar, o valor da oralidade aparece de forma ainda mais evidente quando se observa que muitas crianças chegam à escola com diferentes experiências comunicativas, vocabulários e formas de narrar o mundo. Ao acolher essas diferenças, a contação de histórias oferece uma via de participação menos excludente, pois permite que o estudante se envolva mesmo antes de dominar registros formais. Além disso, o momento da narrativa pode funcionar como ponto de encontro entre atenção, imaginação e linguagem, criando condições para que a criança se reconheça como sujeito capaz de interpretar e responder. Nesse movimento, a escuta não é silêncio imposto, mas prática ativa de compreensão.

Ao tratar da alfabetização como processo de construção gradual, torna-se relevante reconhecer que a narrativa oral contribui para consolidar vínculos com a linguagem e com o próprio ambiente escolar, ampliando oportunidades de aprendizagem. Nesse sentido, ao analisar experiências no ciclo de alfabetização, Santhiago (2018) evidencia que a contação de histórias favorece a participação e o desenvolvimento de sentidos, fortalecendo a relação entre experiência

narrativa e aprendizagem. A implicação pedagógica é direta: quanto mais a escola sustenta momentos consistentes de escuta, maior tende a ser a disponibilidade da criança para interpretar, argumentar e organizar ideias, competências indispensáveis à leitura e à escrita.

Quando se observa a dimensão da oralidade no processo alfabetizador, percebe-se que o professor não narra apenas para entreter, mas para organizar uma situação comunicativa que sustenta a compreensão e a interação. Nesse ponto, Marques e Alves (2021) afirmam que a oralidade constitui um elemento essencial no processo de alfabetização, pois estrutura formas de expressão e entendimento que atravessam a aprendizagem. A partir dessa ideia, a contação se converte em oportunidade de mobilizar perguntas, retomadas, recontos e inferências, permitindo que a criança experimente a linguagem como prática social e não como repetição automática de códigos.

A escuta, por sua vez, demanda um ambiente pedagógico que legitime o tempo da criança e reconheça que atenção e concentração não se constroem apenas por cobrança disciplinar. Em uma sala marcada por pressa e excesso de tarefas, a narrativa pode recuperar o ritmo necessário para que o estudante acompanhe sentidos e formule hipóteses. Ao escutar histórias, a criança aprende a esperar, a perceber detalhes, a distinguir emoções e a compreender mudanças de cenário, o que favorece, posteriormente, a leitura de textos mais complexos. Portanto, a contação opera como formação sensível do leitor, sustentando um modo de aprender que combina a linguagem e a humanidade.

A passagem da oralidade para a escrita tende a se tornar mais significativa quando a escola cria pontes claras entre o que se escuta e o que se registra, evitando que a escrita apareça como imposição desconectada. Nesse entendimento, Souza (2025) discute que a contação de histórias contribui para aproximar práticas orais e experiências de alfabetização, favorecendo o desenvolvimento de leitura e escrita em contextos formativos. Assim, propostas como reescritas coletivas, listas de personagens, reconstrução de trechos e criação de finais alternativos podem ampliar a autoria infantil, sem transformar a escrita em punição ou tarefa vazia de sentido.

A contação também produz efeitos importantes sobre a autoestima e o pertencimento, especialmente quando a criança percebe que sua interpretação tem valor e pode ser compartilhada com o grupo. Ao narrar e ouvir, o estudante aprende a sustentar uma ideia, justificar uma escolha e relacionar o enredo com experiências próprias, exercitando linguagem e pensamento. Em vez de reduzir a alfabetização ao acerto técnico, a escola pode priorizar a formação de sujeitos que compreendem o mundo e se expressam nele. Dessa forma, a história contada funciona como convite à participação, diminuindo a permanência passiva que frequentemente marca trajetórias escolares fragilizadas.

A força pedagógica da narrativa se amplia quando o professor assume que a contação não é atividade isolada, mas estratégia articulada ao currículo e às metas de aprendizagem. Nessa linha, Santhiago (2018) destaca que a contação de histórias, quando planejada e contínua, contribui para a aprendizagem no ciclo de alfabetização ao favorecer envolvimento e construção

de sentidos. O ponto central não está em contar “qualquer história”, mas em escolher textos que provoquem diálogo, ampliem vocabulário e estimulem inferências. Assim, a escuta se converte em caminho para compreender estruturas narrativas e fortalecer competências leitoras.

Para que a contação produza efeitos consistentes, é preciso evitar a repetição automática de formatos que esvaziam a experiência narrativa. A escola precisa diversificar gêneros, temas e modos de contar, incluindo narrativas tradicionais, histórias contemporâneas, textos rimados e relatos que representem diferentes culturas e territórios. Essa variedade fortalece o interesse das crianças e impede que a alfabetização se limite a um único repertório simbólico. Além disso, a contação pode ser acompanhada de registros visuais simples, dramatizações e rodas de conversa, sempre com intencionalidade pedagógica. O foco permanece no sentido: aprender porque se compreende, não apenas porque se executa.

Também se deve considerar que a construção de sentidos se intensifica quando o professor cria perguntas abertas e media a interpretação sem antecipar respostas prontas. A criança precisa ter espaço para errar, reformular e negociar significados, pois é nesse movimento que o pensamento se torna mais elaborado. A contação de histórias, nesse caso, pode funcionar como laboratório de linguagem, no qual se aprende a inferir, comparar, descrever e argumentar. Ao mesmo tempo, a narrativa favorece a educação emocional, pois permite falar de medo, coragem, perdas e escolhas por meio dos personagens, sem expor diretamente a criança. Assim, alfabetizar também se torna cuidar do humano.

No que se refere à fase da alfabetização, torna-se relevante reconhecer que a narrativa oral fortalece a compreensão leitora ao ampliar repertórios e estimular participação ativa. Nessa direção, Santiado (2025) aponta que a contação de histórias favorece o desenvolvimento linguístico e contribui para o engajamento dos estudantes no processo alfabetizador. Além disso, ao discutir estratégias narrativas voltadas ao estímulo da leitura, Teles (2024) ressalta que a literatura e a contação podem apoiar práticas pedagógicas capazes de despertar interesse e ampliar vínculos com o texto. Tais contribuições reforçam que a alfabetização exige continuidade e intencionalidade, e não ações pontuais sem acompanhamento.

A contação de histórias, portanto, consolida-se como prática que articula oralidade, escuta e aprendizagem de forma coerente com a formação integral da criança. Quando a escola reconhece a narrativa como fundamento pedagógico, amplia a possibilidade de construir leitores que compreendem, interpretam e produzem sentidos com autonomia progressiva. O que sustenta esse trabalho não é o improviso, mas a consistência: histórias contadas com regularidade, mediação qualificada e diálogo com a escrita. Nesse caminho, alfabetizar deixa de ser um processo rígido e passa a ser uma experiência cultural, comunicativa e humana, na qual aprender se torna possível porque faz sentido.



## **Narrativas visuais e leitura de imagens: caminhos para a compreensão e produção textual**

A leitura de imagens e o trabalho com narrativas visuais vêm ganhando relevância no debate educacional, sobretudo por responderem a um cenário em que crianças aprendem em meio a múltiplas linguagens. Na alfabetização e nos anos iniciais, imagens não funcionam apenas como enfeites do material didático, mas como textos que comunicam ideias, emoções e relações sociais. Quando a escola assume essa perspectiva, amplia as possibilidades de compreensão, pois a criança aprende a observar detalhes, levantar hipóteses e organizar sentidos antes mesmo de dominar plenamente a escrita convencional. Assim, narrativas visuais tornam-se caminhos legítimos para formar leitores mais atentos e críticos.

Ao considerar a produção textual, percebe-se que muitos estudantes enfrentam bloqueios quando o ensino exige escrita imediata sem oferecer mediações para construir significado. Nesse ponto, a imagem pode atuar como ponte, porque favorece a criação de repertório e a organização de enredos, personagens e cenários. Trabalhar com narrativas visuais permite que o estudante se sinta autorizado a interpretar, imaginar e argumentar, reduzindo a ansiedade diante da folha em branco. Além disso, a leitura de imagens promove participação mais democrática, já que diferentes crianças conseguem contribuir com observações, mesmo com níveis variados de domínio da linguagem escrita.

Nesse sentido, ao discutir o alfabetismo visual, Arcelino (2006) aponta que a leitura de imagens exige competências específicas, relacionadas à interpretação de signos, composição e relações simbólicas presentes no visual. Essa compreensão reforça que a escola precisa ensinar a ver de forma mais analítica, pois olhar não equivale a compreender. Quando o professor orienta a criança a identificar expressões, contrastes, planos e intenções, a narrativa visual se torna um texto completo, capaz de sustentar inferências e construção de sentidos. Assim, a alfabetização se fortalece quando incorpora o visual como linguagem estruturante e não como recurso secundário.

A mediação docente, nesse processo, torna-se decisiva para transformar imagens em oportunidades de aprendizagem. Sem orientação, a leitura visual pode permanecer superficial, restrita a descrições soltas ou respostas rápidas. Com intervenção qualificada, a criança aprende a justificar interpretações, relacionar elementos e reconhecer que toda imagem carrega escolhas e perspectivas. Esse trabalho contribui para a formação de leitores mais reflexivos, capazes de questionar e reconstruir sentidos. Além disso, a leitura de imagens favorece a ampliação de vocabulário e a organização de ideias, aspectos que repercutem diretamente na escrita.

Ao abordar o papel da imagem como suporte à compreensão textual, Gomes e Rodrigues (2013) afirmam que a leitura de imagens contribui para ampliar a compreensão e a produção de sentidos no processo de alfabetização. Essa formulação evidencia que a imagem pode funcionar como estrutura de apoio para que a criança compreenda narrativas e desenvolva argumentos. A partir desse ponto, o professor pode propor recontos, criação de legendas, organização de

sequências e escrita de diálogos, sempre articulando oralidade, leitura e escrita. Assim, a narrativa visual deixa de ser apenas estímulo e passa a ser base concreta para produzir texto.

Ao integrar imagens e escrita, a escola amplia possibilidades de autoria, pois o estudante encontra caminhos para construir enredos antes de dominar plenamente regras ortográficas. Nesse cenário, a produção textual se torna menos mecânica e mais significativa, pois nasce de uma interpretação elaborada e compartilhada. Trabalhar com quadrinhos, livros de imagem, ilustrações sequenciais e fotografias permite explorar temporalidade, causalidade e ponto de vista. Além disso, a narrativa visual favorece revisões, já que o estudante pode reorganizar a sequência e ajustar o sentido do texto. Dessa forma, a escrita se fortalece como construção progressiva e não como tarefa de repetição.

Nessa direção, ao discutir textos multimodais, Cunha e Litto (2014) defendem que a leitura contemporânea envolve articulação entre diferentes linguagens, exigindo competências que vão além do verbal. De modo semelhante, Rodrigues e Silva (2018) destacam que a mediação pedagógica com imagens pode favorecer práticas de alfabetização mais acessíveis, ao ampliar participação e compreensão. Essas perspectivas convergem ao indicar que o visual não deve ser tratado como apoio decorativo, mas como linguagem que estrutura sentidos e organiza narrativas. Assim, o ensino se torna mais coerente com a realidade comunicativa dos estudantes e com o direito de aprender por diferentes vias.

A leitura de imagens também contribui para desenvolver habilidades interpretativas essenciais à formação crítica. Ao analisar uma narrativa visual, a criança aprende a perceber intenções, reconhecer estereótipos e identificar emoções que atravessam personagens e cenários. Esse exercício fortalece a leitura de mundo, pois o estudante passa a compreender que imagens comunicam valores e produzem sentidos sociais. Além disso, ao comparar diferentes representações, torna-se possível discutir diversidade, cultura e modos de vida, ampliando o repertório de forma humanizada. Assim, o trabalho com narrativas visuais não apenas ensina a ler, mas também a pensar.

No campo da alfabetização, imagens também podem reduzir desigualdades, pois oferecem acesso inicial ao sentido mesmo quando a escrita ainda é limitada. Isso não significa substituir o texto verbal, mas criar caminhos para que a criança chegue a ele com mais segurança. A narrativa visual permite que o estudante compreenda estruturas como começo, meio e fim, além de perceber conflitos e resoluções, o que favorece a produção textual posterior. Ao mesmo tempo, esse trabalho fortalece a oralidade, pois as crianças tendem a narrar o que veem, justificando escolhas e reconstruindo histórias. Assim, a escola amplia o acesso ao currículo sem empobrecer o conhecimento.

Nesse ponto, ao refletir sobre leitura de imagens na alfabetização, Arcelino (2006) ressalta que interpretar o visual exige aprendizagem orientada, pois envolve relações de sentido, contexto e códigos culturais. Essa ideia reforça que o professor precisa planejar perguntas, sequências didáticas e atividades que desenvolvam observação e inferência. Quando a criança aprende a



argumentar a partir da imagem, a escrita tende a ganhar mais consistência, pois deixa de ser apenas reprodução de palavras e passa a ser expressão de ideias. Assim, o visual se torna um caminho pedagógico legítimo para sustentar compreensão e autoria.

Ao discutir narrativas visuais como estratégia pedagógica, Mendonça e Faria (2022) afirmam que as imagens podem mobilizar a leitura crítica de mundo e ampliar sentidos na alfabetização. Essa formulação evidencia que a imagem, quando trabalhada com intencionalidade, favorece interpretações mais profundas e não apenas descrições. A partir disso, torna-se possível propor produções textuais que incluam opinião, justificativa e reflexão, articulando leitura visual e escrita. Assim, o estudante passa a compreender que produzir texto é construir sentido, e não apenas preencher linhas com palavras.

A leitura de imagens e as narrativas visuais, portanto, consolidam-se como práticas pedagógicas capazes de fortalecer compreensão e produção textual, especialmente quando a escola assume o visual como linguagem. O desafio não está em usar imagens, mas em ensiná-las como texto, com mediação, continuidade e criticidade. Ao criar situações em que a criança interpreta, dialoga e escreve a partir do que vê, amplia-se a participação e a autoria, sem reduzir expectativas. Desse modo, a alfabetização se torna mais inclusiva e significativa, formando leitores que compreendem o mundo e produzem sentidos com autonomia progressiva.

### **Estratégias pedagógicas integradas: práticas de leitura e escrita com histórias e recursos visuais**

A integração entre histórias e recursos visuais no ensino da leitura e da escrita tem se consolidado como uma alternativa pedagógica capaz de ampliar a compreensão textual e fortalecer a participação dos estudantes. Ao articular narrativas orais, livros ilustrados, sequências de imagens e produções multimodais, a escola cria condições para que a criança compreenda o texto como experiência de sentido, e não como simples decodificação. Esse movimento é especialmente relevante nos anos iniciais, quando a alfabetização ainda está em construção e a linguagem visual pode atuar como ponte para organizar ideias. Assim, práticas integradas favorecem autonomia e ampliam repertórios culturais.

No cotidiano escolar, observa-se que muitas dificuldades de leitura e escrita estão relacionadas à ausência de mediações que ajudem o estudante a estruturar narrativas, reconhecer intenções e sustentar coerência textual. Quando o ensino se limita a exercícios repetitivos, o texto perde vida e a escrita tende a se tornar tarefa mecânica, sem vínculo com a experiência do aluno. Em contrapartida, histórias e imagens possibilitam que a criança antecipe acontecimentos, identifique emoções e crie hipóteses, construindo sentido antes mesmo de escrever convencionalmente. Dessa forma, o trabalho pedagógico se torna mais humanizado, pois reconhece diferentes modos de aprender e participar.

Nesse sentido, ao discutir textos multimodais, Cunha e Litto (2014) apontam que as práticas de leitura contemporâneas exigem articulação entre diferentes linguagens, o que demanda

da escola estratégias que integrem palavra, imagem e suporte digital. Essa compreensão reforça que o ensino da leitura não pode permanecer restrito ao verbal, pois os estudantes convivem com múltiplas formas de comunicação no cotidiano. Quando o professor trabalha com histórias ilustradas, quadrinhos ou sequências visuais, amplia a capacidade de interpretação e estimula o aluno a justificar escolhas e organizar enredos. Assim, a alfabetização se fortalece ao reconhecer a linguagem como experiência plural.

A construção de práticas integradas depende de planejamento didático que organize objetivos claros e metodologias coerentes com o desenvolvimento dos estudantes. Não se trata de adicionar imagens ao texto de forma superficial, mas de criar situações em que o visual contribua para compreender, narrar e produzir. Ao propor atividades como recontos com apoio de ilustrações, produção de legendas ou criação de finais alternativos, o professor favorece a autoria e reduz o medo da escrita. Além disso, a leitura compartilhada de histórias estimula o diálogo e a interpretação coletiva, fortalecendo vínculos e ampliando o sentido social da linguagem.

Ao tratar de mediações com recursos visuais, Gomes e Silva (2020) afirmam que “os recursos visuais favorecem a organização do pensamento e ampliam a compreensão textual” no processo de alfabetização. De modo semelhante, Rodrigues e Silva (2018) destacam que a mediação pedagógica com imagens pode tornar a aprendizagem mais acessível e significativa. Essas afirmações indicam que o visual não deve ser visto como adorno, mas como estrutura de apoio para inferências, coerência e construção de sentido. Assim, a escrita se torna mais possível quando a criança encontra caminhos para organizar ideias e transformar interpretação em texto.

No campo das estratégias didáticas, Farias e Mendonça (2019) afirmam que “o suporte visual contribui para práticas de leitura e escrita mais consistentes na alfabetização”, especialmente quando integrado ao planejamento e ao acompanhamento docente. Essa ideia reforça que imagens, esquemas e sequências narrativas podem reduzir bloqueios, pois oferecem um roteiro simbólico para que o estudante produza com mais segurança. Ao mesmo tempo, o professor precisa garantir que o recurso visual não substitua o pensamento, mas o estimule, criando desafios possíveis e progressivos. Assim, o trabalho integrado se consolida como prática de equidade e cuidado pedagógico.

A leitura e a escrita ganham densidade quando a escola trabalha com narrativas como forma de organizar experiências, emoções e conhecimentos. Histórias permitem que a criança compreenda relações de causa e consequência, reconheça conflitos e construa sentidos sobre o mundo. Quando o professor estimula a produção textual a partir de imagens e narrativas, o estudante passa a escrever com propósito, e não apenas para cumprir uma tarefa. Além disso, a narrativa favorece o desenvolvimento de vocabulário e de estruturas linguísticas, fortalecendo a fluência e a coesão. Dessa forma, práticas integradas contribuem para uma alfabetização mais significativa e menos punitiva.

Para que essas estratégias sejam efetivas, torna-se necessário reconhecer que a escrita é um processo e exige tempo, revisão e acompanhamento. Trabalhar com histórias e recursos

visuais permite que o estudante retome ideias, organize sequências e refine escolhas linguísticas, fortalecendo a percepção de que escrever envolve construção. A escola, nesse sentido, precisa criar ambientes em que o erro seja parte do percurso e não motivo de vergonha. Ao promover devolutivas formativas e atividades colaborativas, o professor amplia a confiança do aluno e sustenta a autoria. Assim, o ensino deixa de ser apenas correção e passa a ser formação.

Ao discutir narrativas na escola, Kleiman e Menezes (2015) afirmam que “a leitura e a escrita se fortalecem quando vinculadas a gêneros e práticas sociais significativas”. Essa formulação evidencia que ensinar linguagem não pode se restringir a exercícios descontextualizados, pois o estudante aprende melhor quando reconhece função e sentido no que faz. Ao integrar histórias, imagens e produção textual, a escola aproxima a alfabetização de práticas reais de comunicação, favorecendo interpretação e autoria. Assim, o texto se torna experiência viva, capaz de envolver o estudante e sustentar aprendizagem contínua.

No trabalho com leitura e escrita, Gomes e Silva (2020) afirmam que “a mediação com recursos visuais amplia a participação e favorece a compreensão de estruturas textuais”, sobretudo em contextos de alfabetização. Essa perspectiva indica que imagens podem ajudar a criança a reconhecer início, desenvolvimento e desfecho, além de organizar personagens e cenários. A partir disso, o professor pode propor produções como cartas, relatos e pequenas narrativas, sempre com apoio visual planejado. Assim, o estudante aprende a escrever com coerência, sustentando sentido e progressão, sem depender apenas de repetição mecânica.

Ao analisar o impacto dessas práticas, percebe-se que estratégias integradas contribuem para reduzir desigualdades de aprendizagem, pois oferecem diferentes caminhos de acesso ao texto. Crianças com ritmos distintos conseguem participar quando a leitura não depende apenas do domínio técnico, mas da capacidade de interpretar e dialogar. Nesse cenário, histórias e imagens funcionam como linguagem de entrada, permitindo que o estudante compreenda antes de escrever com precisão. Ao mesmo tempo, a escola mantém o compromisso com a aprendizagem, pois amplia desafios gradualmente. Assim, a alfabetização se fortalece como processo de inclusão e desenvolvimento.

O trabalho pedagógico integrado também favorece a formação de leitores críticos, pois estimula a criança a observar detalhes, questionar intenções e comparar versões de uma narrativa. Ao analisar imagens e textos, o estudante aprende que toda linguagem carrega escolhas e que interpretar exige atenção ao contexto. Essa prática fortalece a leitura de mundo e amplia repertórios culturais, tornando a alfabetização mais ampla do que o domínio de letras. Além disso, ao produzir textos a partir de histórias, a criança desenvolve autoria e expressão, fortalecendo identidade e participação. Assim, aprender linguagem se torna também aprender humanidade.

Em síntese, estratégias pedagógicas integradas com histórias e recursos visuais ampliam a compreensão textual e fortalecem a produção escrita ao criar mediações mais acessíveis, significativas e coerentes com o desenvolvimento infantil. O desafio não está em usar imagens, mas em planejá-las como linguagem que organiza sentidos e sustenta autoria. Quando a escola

articula narrativa, leitura compartilhada e escrita orientada, o estudante aprende a interpretar e a produzir com mais segurança e continuidade. Assim, a alfabetização deixa de ser tarefa mecânica e passa a ser experiência formativa, cultural e humana, capaz de sustentar aprendizagem com equidade.

## Considerações finais

A discussão desenvolvida ao longo do artigo permitiu compreender que a alfabetização, quando sustentada por práticas significativas de linguagem, amplia as possibilidades de aprendizagem e participação das crianças. A contação de histórias e as narrativas visuais, longe de funcionarem como recursos acessórios, revelam-se estratégias pedagógicas estruturantes, pois favorecem a construção de sentidos, a ampliação do repertório cultural e a formação de vínculos com o texto. Ao reconhecer que ler e escrever são processos que envolvem interpretação, imaginação e experiência social, a escola fortalece um percurso alfabetizador mais consistente, menos fragmentado e mais coerente com a complexidade do aprender.

No campo da contação de histórias, evidenciou-se que oralidade e escuta constituem fundamentos essenciais para a formação do leitor iniciante, uma vez que sustentam atenção, memória, inferência e organização narrativa. A narrativa oral cria condições para que a criança acompanhe sequências, compreenda intenções e construa hipóteses, desenvolvendo competências que posteriormente se articulam ao domínio da escrita. Além disso, a contação contribui para reduzir inseguranças e ampliar participação, pois permite que estudantes com diferentes níveis de desenvolvimento linguístico encontrem espaço legítimo de expressão. Nesse movimento, alfabetizar deixa de ser apenas decodificar e passa a ser compreender, argumentar e produzir significado.

Ao abordar narrativas visuais e leitura de imagens, observou-se que o visual se apresenta como linguagem que também ensina, mobiliza pensamento e orienta a produção textual. A imagem, quando mediada pedagogicamente, não apenas desperta interesse, mas favorece a interpretação crítica, a construção de enredos e a organização de ideias, funcionando como ponte para a escrita. Assim, práticas que incluem livros de imagem, quadrinhos, sequências ilustradas e fotografias podem ampliar autoria e reduzir bloqueios diante da produção textual. O aspecto decisivo, contudo, reside na intencionalidade do professor, pois é a mediação que transforma o olhar em leitura e a leitura em possibilidade de escrita.

No que se refere às estratégias pedagógicas integradas, ficou evidente que a articulação entre histórias e recursos visuais fortalece o ensino da leitura e da escrita quando incorporada ao planejamento e ao acompanhamento contínuo. Atividades como recontos, criação de legendas, reconstrução de sequências e escrita orientada por imagens favorecem coerência, progressão textual e ampliação de vocabulário, sem reduzir o currículo ou empobrecer o conhecimento escolar. Além disso, tais estratégias contribuem para uma alfabetização mais inclusiva, pois oferecem diferentes caminhos de acesso ao texto, respeitando ritmos e modos de aprender. Nesse

sentido, a integração entre linguagens reforça o compromisso da escola com equidade e com a formação de sujeitos leitores.

Por fim, conclui-se que a contação de histórias e narrativas visuais constituem caminhos pedagógicos relevantes para qualificar o processo alfabetizador, desde que sustentados por planejamento, continuidade e mediação docente sensível. O desafio não está em “usar recursos”, mas em organizar experiências de linguagem que produzam sentido e promovam autoria, evitando práticas isoladas ou meramente ilustrativas. Assim, a alfabetização se fortalece quando a escola compreende que ensinar a ler e escrever é também ensinar a interpretar, narrar, argumentar e participar. Dessa forma, consolidam-se condições para que a leitura e a escrita se tornem experiências formativas, culturais e humanas, capazes de ampliar a relação da criança com o conhecimento e com o mundo.

## Referências

- ARCELINO, G. C. **Leitura de imagens e alfabetismo visual: revendo alguns conceitos.** Domínios da Imagem, Londrina, v. 2, n. 1, p. 11-27, 2006. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/download/23449/17095>. Acesso em: 27 out. 2025.
- CUNHA, M. I. da; LITTO, F. M. **Leitura e produção de textos multimodais: imagens, hipertextos e mídias digitais.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, M. I. da; LITTO, F. M. **Leitura e produção de textos multimodais: imagens, hipertextos e mídias digitais.** São Paulo: Contexto, 2014.
- FARIAS, C. A.; MENDONÇA, J. P. **Estratégias de leitura e escrita com suporte visual na alfabetização: perspectivas teoricoconstruccionistas.** Revista Educação em Questão, Florianópolis, v. 41, n. 35, p. 31-54, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/educacaoemquestao/article/view/6671>. Acesso em: 05 jan. 2026.
- GOMES, I. S.; RODRIGUES, I. R. C. **A leitura de imagens como suporte à compreensão textual: contribuições para o processo de alfabetização.** Revista Educação em Questão, Florianópolis, v. 38, n. 47, p. 111-130, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/educacaoemquestao/article/view/2427>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- GOMES, I. S.; SILVA, A. L. da. **Práticas de leitura e escrita com recursos visuais: mediações na alfabetização.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 25, e250015, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6z6F5f9FjYqD9KQZf8T5r9L/?lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2025.
- KLEIMAN, A.; MENEZES, V. **Narrativas na escola: leitura, escrita e gêneros textuais.** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARQUES, Luana Thais dos Anjos; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. **A importância da oralidade no processo de alfabetização com enfoque na contação de histórias.** Id on Line: Revista Psicologia, v. 15, n. 57, p. 720-728, out. 2021. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/3247/5088/12913>. Acesso em: 09 dez.

2025.

MENDONÇA, J. P.; FARIA, C. A. **A narrativa visual como estratégia para alfabetização crítica: imagens, sentidos e leitura de mundo.** Revista da FAEEBA, Salvador, v. 16, n. 1, p. 201-218, 2022. Disponível em: <https://revistas.faece.edu.br/index.php/faeeba/article/view/542>. Acesso em: 12 dez. 2025.

RODRIGUES, D. C.; SILVA, M. R. **Imagens e alfabetização: mediação pedagógica na leitura de narrativas visuais e práticas de escrita.** Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 855-874, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/79654>. Acesso em: 16 dez. 2025.

RODRIGUES, D. C.; SILVA, M. R. **Imagens e alfabetização: mediação pedagógica na leitura de narrativas visuais.** Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 855-874, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/79654>. Acesso em: 21 jan. 2026.

SANTHIAGO, Nayna da Silva. **Contribuições da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem no ciclo de alfabetização.** Pró-Discinte: Caderno de Produção Acadêmico-Científica, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscinte/article/view/20410/13660>. Acesso em: 14 out. 2025.

SANTIADO, Juarez Resende. **A contação de histórias na fase da alfabetização.** Revista CHO, Universidade do Estado da Bahia, p. (online), 2025. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/cho/article/view/26478>. Acesso em: 18 jan. 2026.

SOUZA, Jheniffer Caroline Santos. **Da oralidade à escrita: impactos da contação de histórias no processo de alfabetização no contexto do PIBID.** [Trabalho apresentado em evento], 2025. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/1357787.pdf?v=639042078771368228>. Acesso em: 22 nov. 2025.

TELES, Damares Araújo. **Literature and Storytelling in Early Childhood Education: Strategies to Stimulate Reading.** Revista Aracê, São José dos Pinhais, v. 6, n. 2, p. 1866-1880, 2024. DOI: 10.56238/arev6n2-086. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/download/769/1527/4126>. Acesso em: 03 nov. 2025.